

As actividades extracurriculares e as suas implicações vistas à lupa



Adesões chegam quase a 100% das escolas

Os números revelados pelo gabinete de Estatística e Planeamento da Educação não podiam ser melhores: 98,9% das escolas garantem o ensino do inglês nos 3º e 4º anos, 98,6% o apoio ao estudo, 94,3% actividade física e desportiva, 85% dão música e 42,8% oferecem também o inglês nos 1º e 2º anos.

Cada vez menos câmaras sem programa de AEC

Foram quinze as autarquias que este ano lectivo se recusaram a aderir ao programa proposto pela tutela - 12 são CDU, 3 do PSD, fazendo das câmaras comunistas verdadeiros resistentes à reforma. Recorde-se, sublinhou ao JN, Luís Capucha que só o estudo acompanhado e o inglês no 3º e 4º anos são obrigatórios, "de resto" a adesão foi voluntária. Os motivos invocados para a recusa "foram vários", mas esse grupo de municípios

vai reduzir no ano que vem, sublinhou o director-geral do departamento de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Maioria dos ATL vai resistir à Escola a Tempo Inteiro

Dirigentes da Fenprof do Norte, Centro e Sul do país, ouvidos pelo JN, são unânimes: há ateliês de tempos livres (ATL) "à beira da falência com gravíssimos problemas de pessoal", mas a maioria conseguiu reorganizar os seus serviços e resistir à Escola a Tempo Inteiro. Apostam em novas actividades, mas o trunfo continua a ser o horário e os períodos de férias. Apesar do prolongamento, o horário das 9 às 17h30 não convém a muitas famílias, refere Maria José Viseu, da Confederação de Pais. Ora muitos ATL estão aberto das 7 às 20 horas.

Empresas que tiveram poucos meses de vida

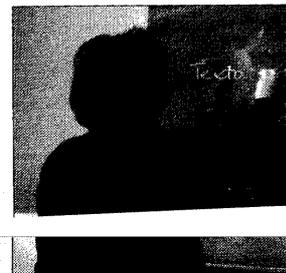
Coube às autarquias a gestão das parcerias com entidades promotoras das AEC. Houve municípios que realizaram protocolos com centros de Actividades de Tempos Livres (ATL), mas



também nasceram associações para cumprir esse serviço. Em Lisboa, no entanto, certas empresas tiveram poucos meses de vida, devido à falta de pagamento por parte da Câmara - que não transferiu as verbas que recebeu do ministério da Educação. Houve duas associações constituídas em Junho, que começaram a funcionar em Setembro e abriram falência em Janeiro.

Uma possibilidade para docentes desempregados

Fenprof e Confap consideram que os docentes das Actividades de Enriquecimento Curricular deveriam estar afectos aos agrupamentos. Desse modo, defendem, os professores com horário zero preencheriam o seu tempo assegurando as actividades nas escolas do 1º ciclo e a qualidade pedagógica seria salvaguardada, uma vez que alguns desses monitores não possuem licenciatura ou formação pedagógica.



Falta de infra-estruturas determina programa

Se a falta de alunos, na maioria dos concelhos, disponibiliza espaços para a realização das Actividades de Enriquecimento, nas grandes áreas urbanas há outros cenários: horários duplos, contentores a servirem de salas, átrios e corredores transformados em cantinas (como avançou o JN na edição de ontem). A reestruturação do 1º ciclo vai determinar, em Setembro, o encerramento de mais 900 escolas. Os sindicatos alertam que a situação vai piorar. A tutela defende os benefícios da socialização conquistada nos centros educativos.

Escolas desesperam pela falta de pessoal auxiliar

A falta de pessoal auxiliar é um dos problemas mais destacados por sindicatos, Confederação de Pais e Associação Nacional de Municípios. É mais do que frequente serem os professores a vigiarem os alunos durante os intervalos mas depois das 15 e 30 são muitos os alunos que se arriscam a ficar sozinhos na escola. Nos intervalos das AEC, enquanto esperam pelos monitores ou quando um deles falta. As autarquias tentam superar essa falta de pessoal recorrendo à contratação de tarefas, pagas à hora, para as horas de refeição ou para assegurarem as limpezas de final do dia.